



GIL VICENTE

SEMANARIO MONARQUICO-INTEGRALISTA
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO

VISITAÇÃO
*Pardiz! sete arrebolos es
Mo pegaron a la entrada
A uno de los rascos
Válveto.....*

Director:
D. José Ferrão.
— Adm. e Editor:
Domingos Ribeiro.
Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 31 e 33—GUIMARAES

DE CÓCORAS

Por Cesar A. d'Oliveira.

Ajoelha o cristão na presença de Deus. Irmão de todos os homens na comunhão católica das almas, só a presença de Deus o humilha, só a divina omnipotência o faz curvar os joelhos para que, unido o corpo à Terra, melhor o espirito se liberte e, puro, se erga ao Ceu. Respeitador da Autoridade como básico princípio da disciplina social, jamais o pensamento cristão adulou a tirania e o abuso da força; séculos que passam sobre séculos, tronos que desabam e ideias que se mirram, cataclismos sangrentos e reacções depuradoras — lisonjeiam ou perseguem o cristão, tentam, violentam ou subornam o seu espirito, mas nunca a cristandade se abateu colectivamente na adoração dum homem. Diante dum crucifixo, de uma imagem ou de um sacerdote, dentro de uma gruta, de um templo do mais estúpido estilo Joanino, ou sob as abobadas medievais de uma catedral do mais puro gótico — é sempre para Deus que a alma se eleva quando os joelhos se quebram em humildade, e tanto mais a alma sobe, cristalina e simples, ao divino seio, quanto mais unidos os joelhos são à Terra, quanto mais para a Terra se curva reverente a nossa frente.

Li em tempos, numa velha novela de sortilégios inverosímeis, que o Diabo é adorado de cócoras nas suas nocturnas reuniões por mal-assombrados êrmos, porque de cócoras preside à meia noite do azar, fincando os peludos pés de bode no cachão esburgado de duas bruxas rabudas.

Assim deve ser, porque é de cócoras que é adorado no Mundo tudo o que o Mundo tem de perversão e de maldade, tudo quanto na vida escandalisa Deus e a Sua Lei, tudo o que é contrário à natureza e à divindade.

De cócoras é adorado o dinheiro e o seu poder; de cócoras se desejam luxos e prazeres; nessa ignóbil posição rastejam as almas como os kangurus, até formarem o salto da soberba para a riqueza ou para o domínio.

Creações do Diabo para irremediável perdição dos mortais que a Vida obriga a transitar a horas mortas pelas encruzilhadas do pensamento — brotam da montureira social os tortulhos pôdres da ideia, irrompem com violência mas com fragilidade; produtos quasi espontâneos da humidade geradora de uma noite, um dia basta de bom sol para que a sua arrogância seja amarfanhada e enrodilhada na podridão donde saíram. Venenosos uns, comestíveis outros, quasi que só no humano instinto reside a boa escolha dos tortulhos vegetais. Cogumelos chôchos das sociedades putrefactas, as ditaduras aguçam a universal gulodice nesta hora-tragedia das inconcebíveis tiranias, e só o instinto nacionalista saberá regeitar os venenosos chapéus-de-bruxa, chapéus-de-bruxa

como o nosso povo usa chamar às efémeras criptogâmicas numa directa alusão às suas origens diabólicas.

Perante a tirania triunfante, já se não penteiam os princípios — como em horas de sol e chuva simultâneos costumam pentear as bruxas o cabelo riço de longas correrias desgrenhadas por tojos e silvados. De cócoras, deslumbrado pelo brilho das baionetas e pelo oiro das dragonas, o conservador descança e confia na Força, depois de nove longos anos de agoniados sobressaltos. Enquanto os rebanhos eleitorais se deixavam passivamente conduzir ao sacrificio da urna e á tosquia do imposto e do rebo legalizado, era no povo que residia o poder: êle era soberano e rei de si próprio. Mas o sufrágio faliu; rebentaram os povos de liberdade e de fome; novas ideias se agitaram de rapina e de destruição como uma poeirada flamejante e rubra sobre uma pavorosa derrocada. De cócoras quasi — de medo, que não de enlévo — o conservador sentiu que a chamada vermelha lhe estava crestando a pelle e os haveres; odiou inconscientemente a soberania do povo e, no derradeiro arranco de salvação, apelou para esse militarismo tão detestado outróra, para que viesse salvar a Pátria e o salvasse a êle, burguês, defendendo-o para sempre das grêves, das bombas, dos assaltos e até mesmo do parlamento.

Seria então de Deus que vinha o poder, de Deus em que o conservador raras vezes pensa, atraído pelo barulho infernal das Babilónias da ganhuça e do pecado? De Deus ou do Diabo, pouco importa. O que se reconhece, afinal, é que há mister de quem o exerce. E para exercer o poder é preciso fazer tábua-raza dos princípios? Pois feche-se provisoriamente o calhamaço dos Direitos do Homem, os cadernos eleitorais, o parlamento e as urnas. E é preferível a boa-vontade de um só á incompetência de muitos? Faça-se então a ditadura; tome-se como remédio o que noutros tempos era veneno; mas que a força presida a todos os actos do ditador, e a «ordem» seja mantida, e o perigo comunista seja afastado ou esmagado de vez. Habituada ao medo ou á subserviência, posta de cócoras diante de todos os ídolos por não saber ajoelhar perante Deus, vivendo no receio perpétuo das soluções radicais — a sociedade conservadora, já sem ideias, desorientada pela confusão anárquica da imbecilidade presente, reclama um govêrno de ferro e de força, um govêrno massiço como os seus cofres, um govêrno que passe por cima de toda a folha cavalgando a vassoura da limpeza, a vassoura simbólica em que as bruxas vão escarranchadas servir de pedestal a um dia-

bo negro que nelas finca, desalado e de cócoras, os negros pés de bode!

Sim, a ditadura! Sim, um ditador! Porque o ideal da nossa viscosa e amorfa massa conservadora é um Homem com um H colossal, um Sidónio, um Mussolini, um Primo de Rivera, um ferreo procurador, enfim, de seis milhões de covardias. Flôres altaneiras da decadência que na propria decadência murcharão; frutos sorvados do inverno democrático que o tempo apodrecerá irremediavelmente; triste agonia dum mundo que naufraga e que no expediente dos destroços procura, contrangido, a salvação — triunfam na Europa as ditaduras breves de todos os tempos. No mar encapelado do velho mundo revolto de lólos e convulsionado de ruínas maleitas, jogam ao sabor do vento do arbitrio ou das correntes das paixões os desconjuntados restos do que foi um sistema de govêrno, do que foram dogmas e leis impostas ao mundo pelo ferro das guilhotinas revolucionárias. Sobre os destroços da democracia vogam nas ondas, sem rumo, as energias nacionalistas que a tirania arrancou do naufrágio universal da grande guerra; sobre as aguas paira, sereno, o espirito de Deus; e grunhe e uiva o Diabo num desabalado temporal de perversão e maldade.

Contra as arribas vermelhas do comunismo, ou ás praias alvas do nacionalismo, irão esmigalhar-se ou varar as jangadas frageis em que as ditaduras navegam. Largos e negros dias nos esperam ainda de desolação e de morte: para o «sabat» infernal da meia-noite das tiranias, passam e repassam neste lusco-fusco agoiroto as azas moles da imbecilidade conservadora, como se enormes azas sombrias de morcegos enchessem de melancolia e de desalento a meia-treva do crepúsculo. Para os longes solitários, por onde escolinham as almas dos que ainda em vida morreram, sem perdão, vai uma correria de bruxas em fúrias, em teorias, em novelos perdidos e velozes, negras como a Morte, magras como esqueletos. Avança a noite, e mais depressa elas avançam porque o Diabo as chama. E' a Força que as atráe, e elas caem de cócoras diante da Força; de cócoras o Diabo preside ao banquete da hora aziaga, da hora-tirania em que as bruxas conservadoras vão comer a carne e esburgar os ossos da produção e dos trabalhadores. Da casa de Deus, onde nos ajoelhámos a rezar antes de sairmos para o combate final, esconjuremos a bruxaria hedionda que nos suga, para que seja livre a Terra Portuguesa, livre de tiranias e de ditadores, livre do conservantismo e da democracia, e, pela graça de Deus, livre das bruxas e do seu Diabo!



Evocação

Nuno Alcares, Albuquerque, Castro e Gama,
Que estais gosando já na eterna vida,
Oubi a voz dolente e amortecida
Da Patria agonisante que vos chama!

Deixai da sepultura a fria cama,
Vinde alentar a geração querida,
Que louca de paixão, desfalecida,
Quer defender a Patria que bem ama!

São novos os heróis, os campeões,
Ardente o seu amor e patriotismo;
Mas que podem? — São tantas as traições?

Vinde alentá los, pois, dar-lhes vigor!
E a Patria uma vez mais do fundo abismo
Se livrará nas azas do valôr!...

D. GONÇALO VASCO.

Coisas camarárias

Alguem nos veio esclarecer do seguinte, que submetemos á apreciação do respectivo vereador.

Entre o Largo Dr. José Sampaio e a Rua França Borges existe uma travessa a que já ha algum tempo foi levantada parte da calcetaria. Porém, desde essa data, ninguém mais se lembrou do caso e a travessa ficou assim ao abandono como praga do Egito a atormentar todos que por ali tenham de passar. E como na maioria das vezes a luz do sr. Jordão, principia a suspirar facil é calcular os tormentos que se devem passar numa travessa completamente ás escuras e com a calcetaria em tal estado.

Como ainda não nos consta que a nossa cidade baixasse á categoria de aldeia certeneja, esperamos que os snrs. edis tenham mais um pouquinho de cuidado. Salvo se êste caso já faz parte dos projectados melhoramentos apregoados em vespéras de eleições e a que, até agora, não ha por a ninguém que lhes tenha posto a vista em cima, — excepção feita no Tournal com as escadinhas do senhor Pinheiro e com o favor «mictorial» de S. Domingos.

Se realmente assim é a coisa promete.

Reparos...

Espemanças...

Com a ascensão dos «nacionalistas» ao poder, há quem alimente doces espemanças na nova situação politica.

Que o novo govêrno tem um homem energico, capaz de afrontar as iras democráticas, lá isso tem, mas que não faz nada, tumbem o não duvidamos.

E' que a «maioria» ha-de procurar todas as artimanhas para impedir a sua obra financeira e económica não perdoadando ao sr. Cunha Leal a sua arrogancia na opposição...

Espereemos... um pouco mais.

Funcionários

A situação é melindrosa? Toda a gente o afirma. Todavia há quem pergunte o que irão fazer agora os milhares de funcionários perante a situação que o novo govêrno lhes arranjou.

A essas pessoas que tem sempre frases interrogativas pergunta-se: O que faziam essas criaturas antes de serem funcionários...?

Que voltem novamente ás suas profissões queles outros a quem o «compadriño» das quadrilhas oleiçosas atirou... o «osso»... que agora lhes custa a deixar. — Perceboram?

Em que ficamos?

Continuamos na mesma. Ontem era o sr. Cunha Leal quem se atirava ao sr. Velinho Correia por ter aumentado a circulação fiduciaria contra todas as normas da legalidade. Hoje, que o poder mudou de cenário e de companhia, é o sr. Velinho a insurgir-se contra o seu successor acusando-o de querer «arrancar á camara o aumento de 450.000 contos»!

E «toda» a gente a esfregar as mãos de contente... Não há aumento? Há aumento? No fim, as contas dão certas. Somadas as competencias e peçados os politicos não acusam depreciação.

DA HISTORIA...

D. PEDRO SEM PATRIA

CONTINUAÇÃO

Passos Manoel elevado a ministro, como setembrista, em 1836, afirma que: «É necessário tomar medidas para tranquilisar o reino, pois das participações e relações das autoridades de todo o país consta que até hoje se tem cometido de sessenta mil e tantos assassinios e tem sido roubadas mais de sete mil casas.» E uma portaria de perseguições mesquinhas, transcrevemos para elucidação do compromisso de Évora-Monte: «Manda o duque de Bragança, regente em nome da Rainha, que sejam demittidos do serviço do Hospital Real de S. José, por serem desafectos á Causa da legitimidade e consequentemente á sua soberana a augustissima senhora D. Maria II, o medico José Antonio d'Amorim, o cirurgião Antonio de Vasconcelos Monteiro Cabral, e a costureira do hospital Ana Bernarda da Trindade.

«O enfermeiro-mór do mesmo hospital o fique entendendo e faça executar.

«Ação das Necessidades em 7 de setembro de 1833.—Candido José Xavier.»

Desta maneira se enforma a floração da humanidade liberal, que segundo os seus defensores é cheia de beleza e de Ascensão.

Em compensação diz-nos o dr. A. Herchen: «A derrota do constitucionalismo não se seguiu em Lisboa um governo de terror como sucedera em Madrid; a moderação dos vencedores causou admiração entre os proprios diplomatas. No decurso das primeiras semanas depois da vitoria francada só um reduzido numero de jacobinos, inimigos declarados e irreconciliaveis do trono, foram destituídos dos seus cargos, presos ou exilados, muitos radicais saíram do país por sua vontade e foram estabelecer-se em Inglaterra. Não houve execuções.» «Fôra geral o regosijo causado pela contra-revolução sem derramamento duma só gota de sangue.»

Pois os arautos da Liberdade nem pouparam a pobre costureira de S. José. A ferocidade do mal em as mais sombrias modalidades é a dignidade da teoria que rege o liberalismo, doutrina de tal forma perversa que até as almas bem intencionadas insensivelmente se perdem. Cobardia, malvadez, depravação, é a escola social que resume a tirania das maiorias, a essência do individualismo, a revolução em marcha, a anarquia professada, o abismo das nações.

Neste campo affirmaria o dr. Gama e Castro: «Desenganemo-nos por uma vez: a liberdade não é um fim, é um meio. Por ventura, quando se pede a liberdade para os povos, é só para que as nações sejam livres? Não; é porque se supõe que sómente por este meio é que serão os homens felizes. Logo se se vier a provar que o meio não corresponde ao fim, é preciso registá-lo como inutil: e se se vir que corresponde a um fim inteiramente oposto ao que se deseja, é preciso prescreve-lo como perigoso.»

Mas vejamos os belos panos de fundo dessa perfida Liberdade, que ainda hoje suportamos, e que o Libertador desdibrou nas duas patrias que opprimiu, e levantou em armas e odios fundos, sendo uma o prolongamento da outra, e que poderiam já ser os limites do *Maré Nostrum*, na politica do Atlantico que lhes impunha o futuro peninsular, dando realisação ao Portugal

Maior que visionamos para um dia breve. E deixemos Camões a esperar (segundo a Liberdade) a consagração da sua epopeia, dum desgarrado analfabeto, nas dobras da serra, olhando os Lusíadas nas suas caledónias mãos por um trabalho pastoril que é a sua unica sciencia.

Ouçamos agora D. Jorge Eugenio de Locio e Seiblitiz, distinto official de engenharia, teologo, escritor, e que na «Nação» tão eloquentemente defendeu a causa de D. Miguel, a cujo exercito pertenceu, pelo que teve de andar foragido largo tempo.

«Em 1836—diz nos elle—conseguiu a revolução expulsar de Portugal a monarchia legitima, substituindo-a pela monarchia da carta, e desde esse momento desapareceu dentre nós o respeito pela religião e seus ministros, o direito da propriedade, e a segurança individual.

«Temos á vista uma estatística que causa horror, pelos crimes de toda a especie com que foi inaugurada a monarchia da Carta: em Lisboa, nos quatro primeiros meses de 1834 perpetraram-se desactos nos egrejas do Salvador, S. João da Praça, Belem, Capela da Flor da Murta, Santa Catarina, S. Matilde e Santa Martha.

«As ruas da capital foram theatro dos mais hauditos crimes, foi por ellas arrastado até exalar o ultimo suspiro o respeitavel e consciencioso desembargador Maciel Montelro; foi espancado e ferido á hora do dia um principe da igreja, um virtuoso e sabio prelado, o sr. bispo d'Elvas!!

«Pelas terras do reino, a inauguração não era feita com menos pompa; um outro prelado, o respeitavel sr. D. Joaquim da Nazareth, bispo de Coimbra, tambem foi victima, e a ponto que um dos amigos intimos de D. Pedro não hesitou em levantar mão sacrilega contra um successor dos apóstolos!!

«Estes factos commoçaram em 1834 a justificar a republica, fazendo que muitos a preferissem á monarchia bastarda.

«A par da ferocidade apparecia infrene o espirito do roubo: foram roubados os nossos templos, e nas praças estrangeiras eram publicamente vendidas as mais ricas alfaias, que a piedade de nossos maiores dedicára ao culto do Senhor.

«É note-se, que por parte da monarchia da Carta não apparecia uma unica medida que prevenisse o crime ou castigasse o criminoso.

«... os monarchistas da Carta, possuidores dum verdadeiro espirito satânico, entregavam ás chamas o que não podiam roubar, e mais tarde serviam-se das chamas como um grande meio de liquidação: assim foram reduzidos a cinzas, entre outros, os conventos de Santo Antonio da Penha, de Vale de Piedade, de Salzedas, de S. Pedro das Aguias, a abadia de S. Martinho do Campo, a igreja do Covello, o edificio do Thesouro, o palacio da regencia, o collegio dos Nobres, a Camara Municipal, etc. etc.

«E o povo que presenciou tudo isto diz, no seu bom senso: «A republica é decerto melhor do que isto, e se não podemos ter o nosso antigo governo portuguez, esse governo que fez e engrandeceu o nosso reino, que zelava os nossos interesses, e garantía a nossa propriedade, venha então a republica.»

«Era este paiz riquissimo, no tempo da sua antiga monarchia; hoje, parodiando o poeta latino, podemos dizer: *Campus ubi Lusitanus fuit*, Aqui existiu Portugal.

«A propriedade da Igreja foi pela monarchia da Carta denominada bens nacionais, e a mesma denominação decem á Casa da Rainha, á Casa do Infante, bens da Universidade, etc. etc.

«Toda esta propriedade representava um valor fabuloso; pois toda ella desapareceu, sem que se saiba como, nem a realza da carta e seus ministros possam explicar de um modo plausivel o fim que se lhe deu.

«O povo sabe-o; e porque o sabe, prefere a republica á monarchia bastarda.

«Depois desapareceram tambem todas as propriedades dos conventos das freiras, das camaras municipaes, das misericordias, hospitais, irmandades e confrarias; o povo sabe-o, e sente-o, porque as misericordias, irmandades, e confrarias eram, em geral, nas provincias outros tantos bancos agricolas, onde o lavrador encontrava recursos sem vexame.

«Mas esta massa imensa de propriedades que valia centenas de milhares de contos, era ainda pouco para satisfazer as ambições dos monarchistas da carta, e por isso recorreram ao emprestimo, sobrecarregando o paiz com uma divida insolavel, que cresce todos os annos, donde vem a necessidade de aumentar todos os annos o tributo para pagar o juro da divida.»

D. Pedro, o Libertador, preside a esta monobra de saltadores dos bens nacionais, em terras em que nascera, depois de assinar um tratado em Évora-Monte em que se empenha pelo respeito á propriedade, á religião, e á segurança individual essencialmente. Isto, sem uma detença do comandante em chefe das tropas invasoras do solo portuguez, a quem D. Miguel se viu forçado a dar a vitoria ao verificar-se impotente para derrotar o bloqueio de tres fortes nações estrangeiras, que ainda desembarcavam tropas, e material de guerra e viveres para os sequazes da carta.

Liberdades, pois, só as liberdades nacionais que um povo construiu, para sua ordenação, para seu governo—fundamento da Nação, o amor dum igual aspiração, muitas almas fundindo-se numa só alma, a colectividade que se define na senda da construção. Todas as outras liberdades singulares, são liberdades de fancaria, todas concebendo a Nação como um monte de nações, que serão tantas quantas as ambições—os partidos—corvos grassando sobre a Produção que por fim sucumbe sob as negras bicadas, derruido sob estes flagelos de destruição.

«O governo da liberdade—Oliveira Martins—ficou sendo a tirania das maiorias; e, como a maioria é por via de regra ignorante, nem a eleição dava o pensamento do povo intelligente, nem dava pensamento nenhum. Feitas a tiro, ou a cacete, ou a dinheiro, ou a empregos, as eleições liberaes ou individualistas são o soffisma da representação; não por vicio dos homens, embora os homens sejam viciosos, mas por essencia do errado principio que as dirige.»

O governo da liberdade é a caravela da blasfemia onde embarca a malicia das nações. Logo que elle se estabelece, co-

meçam as derrocadas bramindo; e as nações extinguem-se se não surge uma fonte de energias sãs que tomem a benção no pulpito onde a Patria é sagrada.

Almacave.

FIM.

"Os meus Cadernos,"

Mariotte, publicista consagrado, lançando a publico a nova série de «Os meus cadernos», num momento em que a politica portuguesa continua na sua senda criminoso da subversão dos caracteres e da intelligencia, teve em vista contribuir para o levantamento do grito nacionalista no campo monarchico, «atraído por ignobes sicarios, no proprio momento em que esperanças tão justificadas que se impõem como uma certeza, assinalavam a hora de um mundo novo, equivalente a uma verdadeira ressurreição nacional.»

São um «rugido indomavel, ruidoso, abalando os patriotas como uma formidavel tempestade, chumbando os traidores ao seu pelourinho de ignominia...», os folhetos já publicados, onde se prega a boa doutrina da Restauração da Patria.

Rugem por sua vez os sicarios que a pena de «Mariotte» atormenta nas suas argumentações documentadas, e como rugem elles, como procedem elles contra a pena que os fustiga? caluniar, pois que só a calunia é a unica arma que sabem manejar.

Esquecem-se, talvez, que, quando da publicação da primeira série, o sr. Aires de Ornelas foi propositadamente de Bruxelas a Paris para conhecer pessoalmente o autor de «Os meus cadernos», felicitando-o pelos relevantes serviços que estava prestando ao levantamento do verdadeiro espirito monarchico!.

Do numero 5, que temos presente—e que recebemos conjuntamente com os numeros já publicados,—extratamos o Sumario, que é o seguinte:

I—Uma nova heresia politica: o ornelismo. II—O medo da verdade. III—O soba da Polinésia do espirito desconhece os direitos da intelligencia. IV—O poder de dissolução do meio liberal. V—Salvação da Patria? Não. Salvação do covil da Barroca, sim.

A edição de José Lutz de Miranda, Rua Polais de São Bento, 135, Lisboa—para onde devem ser dirigidos os pedidos de assinatura,—é excelente e impressa em ottimo papel.

Agradecendo os exemplares oferecidos, recomendamos a leitura de «Os meus cadernos» a todos os portuguezes de boa vontade que queiram contribuir para o levantamento de Portugal em detrimento dos principios falidos do liberalismo.

A luta contra a republica deve ser feita por todos os bons portuguezes que acima de tudo e loquem o bom nome e interesse da sua Patria!

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

João Esteves

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos Ex.^{mos} Srs. Ministro do Interior e Commissario Geral dos Serviços de Emigração, trata de todos os documentos necessarios para obter passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRANÇA, AFRICA e HESPAÑA e mais nações da America e da Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido possivel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa. Procurem e peçam informações á ULTRAMARINA e estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

JOÃO ESTEVES

Passagens e Passaportes—Guimarães.

Ex.^{mo} Snr.